SAÚDE MENTAL
Edição XXIII
Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento e Cuidado na Sociedade Moderna

Capítulo 08

FATORES ASSOCIADOS AO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTE ESCOLAR VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL

PAULO VICTOR DE SOUSA RIBEIRO[1]
ÁLVARO SEPÚLVEDA CARVALHO ROCHA[2]
VITÓRIA FORTES COUTINHO CHAVES[1]
LUCIANA KARINE DE ABREU OLIVEIRA[3]
ROSA JORDANA CARVALHO[4]
LUANA RUTH BRAGA CAMPOS[4]
MÁRCIA ASTRÊS FERNANDES[5]

[1]Enfermeiro(a) graduado(a) pela Universidade Federal do Piauí.
[2]Enfermeiro. Mestre e Doutorando em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí.
[3]Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí.
[4]Enfermeira. Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí.
[5]Pós-Doutora em Enfermagem Psiquiátrica. Professora Titular da Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Pesquisadora Bolsista Produtividade CNPq.

Palavras-Chave: *Adolescentes Escolares; Abuso Sexual; Fatores Desencadeantes.*

DOI 10.59290/978-65-6029-228-4.8

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A violência se constitui um fenômeno complexo, vivenciado culturalmente ao longo da história e considerado um problema mundial de saúde pública. A exposição ao abuso sexual na infância e adolescência está associada a prejuízos em longo prazo, representando fator de risco para o desencadeamento de diversas alterações de ordem psicológica e funcional, entre as quais depressão, ideação suicida, ansiedade e transtorno do estresse pós-traumático (MARQUES *et al.,* 2021).

O conceito de vulnerabilidade, em seu sentido mais amplo, tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento, e para compreensão da violência contra crianças e adolescentes faz-se necessário o entendimento da sua concepção na finalidade de contemplar a complexidade de tal fenômeno social (HINO *et al.,* 2019).

Crianças e adolescentes representam os grupos mais vulneráveis a sofrer violência. Alguns fatores influenciam a invisibilidade dos casos, na maioria: a condição de dependência física, emocional e financeira dos genitores ou responsáveis, visto que não se espera que a agressões partam desses indivíduos (SENA *et al.,* 2018).

Nas diferentes categorias da violência contra a criança e ao adolescente se destaca o abuso sexual. Estima-se que no mundo todo, anualmente, cerca de 40 milhões de crianças e adolescentes sofram abuso sexual. No entanto, essa estimativa pode estar subdimensionada devido às circunstâncias em que esses eventos ocorrem, à frequente dependência das vítimas em relação a seu agressor, além do medo e do constrangimento relacionados a dificuldades para denunciar esse tipo de violência (SANTOS *et al.,* 2018).

Por uma perspectiva teórica do fenômeno, pode-se mencionar as vertentes que existem em detrimento do evento, tais como a definição de abuso sexual, a forma como esse crime se manifesta, perfil do agressor, consequências para a vítima e fatores associados ao episódio. Nesse ínterim, compreender esses fatores é o que torna possível contemplar de maneira mais global esse crime, visto que fornece subsídios para correlacionar os comportamentos disfuncionais com o abuso sexual sofrido no desenvolvimento infantojuvenil (PAIXÃO & NETO, 2020).

Dados da Organização das Nações Unidas (ONU) mostram que dos dois bilhões de crianças que constituem a população mundial, mais de 80% são castigadas fisicamente, sendo um terço desses castigos considerados muito grave, e, aproximadamente, 53 mil crianças morrem ao ano, em decorrência dessas agressões. Estima-se que 225 milhões de menores, no mundo, são vítimas de abusos sexuais anualmente, destes, 150 milhões são do sexo feminino (SENA *et al.,* 2018).

As vítimas de abuso sexual na infância têm maior risco de desenvolver depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, abuso de substâncias psicoativas na idade adulta. Achados anteriores sugerem início de abuso, duração e gravidade apresentam associação entre vitimização e psicopatologia (ADAMS *et al.,* 2018).

Há evidências de que o início do consumo de substâncias psicoativas precocemente na vida contribui para níveis mais elevados de utilização e abuso na vida adulta. O início precoce também está associado a uma série de problemas sociais e comportamentais, incluindo problemas de saúde física e mental, comportamento violento e agressivo e problemas de adaptação no local de trabalho e na família. Além de constituir fator de risco para acidentes e violências, sexo inseguro e suas consequências como gravidez na adolescência, HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis (MALTA *et al.,* 2018).

Como assinala um relatório da ONU, a violência contra a criança e ao adolescente é frequentemente silenciada, havendo em decorrência disso uma escassez de dados estatísticos sobre o assunto. Nesse sentido, o conhecimento acerca dos impactos do abuso e das características das vítimas é essencial para que medidas sejam tomadas com o intuito de reduzir os casos e atuar no suporte daqueles que sofreram desta violência e apresentam risco de desenvolver transtornos mentais (FONTES *et al.*, 2017).

A partir do exposto, o estudo em tela buscou como objetivo analisar os fatores associados ao consumo de substâncias psicoativas por uma adolescente escolar vítima de abuso sexual.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, realizado em uma escola sob gerência da Secretaria de Estado da Educação de um município do nordeste brasileiro. A rede escolar estadual é composta por 154 escolas, distribuídas em quatro Gerências Regionais.

O estudo de caso é um método de abordagem de investigação da ciência que permite uma ampla pesquisa a respeito de um assunto específico proporcionando subsídios para investigações mais profundas de determinada temática. Dessa maneira, essa abordagem visa produzir conhecimento amplo e detalhado sobre o tema. Seu objetivo é servir de base para novos estudos ou como prova social, atestando a veracidade de uma proposta (YIN, 2015).

A participante foi uma adolescente com idade de 18 anos, matriculada na instituição pesquisada, cursando o ensino médio, cuja participação foi permitida mediante a assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado direcionado ao objetivo do estudo em tela.

A pesquisa faz parte do macroprojeto "Abuso sexual e as interfaces com a saúde mental de adolescentes escolares: pesquisa-ação em educação e saúde", que conta com a autorização da Secretaria de Estado da Educação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino superior vinculada ao projeto, com número de parecer: 4.343.397. Ademais, o estudo foi realizado em conformidade com todas as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram coletados no mês de dezembro de 2021. Para fundamentar a discussão realizou-se o levantamento bibliográfico acerca da temática, bem como para construção do tópico da revisão de literatura. As buscas foram realizadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), MEDLINE via PubMed e SciELO. A revisão integrativa foi realizada no período novembro de 2021 a fevereiro de 2022.

Após a coleta dos dados, foi transcrita a entrevista na íntegra e selecionados os depoimentos que atenderam ao objetivo proposto no estudo em tela, dos quais são destacados os principais, a seguir:

"Eu tinha uns 11 anos e às vezes eu ficava só com o meu padrinho e tal, ele ficava conversando coisas que não convinham com a minha realidade. Por exemplo, ficava falando sobre sexo, essas coisas. E aí, ele me trancou dentro da casa e não tinha como correr, não podia gritar, nem nada, porque ele dizia que se eu gritasse ou fizesse alguma coisa ele iria dizer que era mentira minha, que eu estava mentindo, que eu estava inventando história e que ninguém ia acreditar em mim".

Quanto ao perfil do abusador, maioritariamente trata-se de alguém do ambiente familiar capaz de não deixar evidências de violência. Em virtude da aproximação entre vítima e agressor, cria-se envolvimento emocional abusivo fortalecendo o pacto do silêncio e, consequentemente, reproduz o medo da denúncia. Em relação ao comportamento , muitas vezes a atividade manifesta-se, em primeiro momento, de maneira verbal, por meio de conversas que despertem o interesse da criança. Isso comprova que o abuso nem sempre dar-se pelo contato físico, podendo ser pela prática do *voyeurismo* e do exibicionismo (PAIXÃO & NETO, 2020).

"Depois que tudo isso passou, eu entrei na vida de alcoolismo, depois disso eu me juntei com gente que, como eu disse no começo, tinha uma prima minha que só andava com gente ruim e nesse dia ela estava andando com um monte de gente que usava droga, bebida e aí foi aí que eu comecei a me perder mais ainda."

Percebe-se que o abusador detém-se de uma posição de poder, essa condição é fator que está vinculado ao grau de severidade nos prejuízos decorrentes do abuso, caso exista vínculo entre o abusador e a vítima. Outro fator que compromete as consequências é a qualidade desta relação existente, isto é, se há ameaças e a diferença de idade entre a pessoa que cometeu e a que sofreu o abuso. Assim, essa realidade, bem como os danos gerados, é o que fomenta a tendência ao consumo de psicoativos futuramente, pois, como foi relatado na fala da entrevistada, após fim do abuso houve desalinhamento do comportamento social em virtude de drogas e bebidas (FLORENTINO, 2015).

"Hoje o nome dessa droga é cupã. É tipo um remedinho para dormir, mas é mais para a pessoa se dopar. E aí quando eu estava passando por tudo isso, eu entrei nessa onda de tomar remédio, essas coisas, para me dopar".

"Misturava com alguma coisa para ninguém perceber. Como eu estava junto, eu pegava e bebia também. Quando eu comecei a fumar também, cigarro normal, só que foi pouco também, eu não chegou a me viciar, aí todo mundo dizia para eu usar outras coisas, só que eu nunca fui pela cabeça dos outros, mas era mais pelo que eu queria mesmo".

Nota-se pelo discurso acima que, para lidar com o sofrimento causado por essa vivência, a adolescente recorre a recursos para minimizar o abalo gerado. Dentre esses recursos, ganha destaque o envolvimento com álcool, tabaco e outras drogas, o que justifica o uso desses componentes é a possibilidades de provocarem no organismo a sensação de bem-estar, euforia e quadro de esquecimento. Essa atitude é referida como uma estratégica para fugir da realidade além do alívio de sintomas ansiosos e depressivos da vítima (CRUZ *et al*., 2021).

"Eu comecei a fumar, só que minha mãe não sabia. Às vezes ela chegava em casa e sentia um cheiro. Só que aí eu escovava os dentes, tomava banho ligeiro, passava perfume para ela não perceber nada. A questão do alcoolismo ela só percebeu uma vez quando eu tinha chegado da escola, vomitei em casa, sozinha mesmo e aí ela sentiu o cheiro da cachaça na minha camisa, porque eu vesti a mesma roupa e aí ela me bateu".

"Ela (mãe) me bateu, começou a falar um monte de coisa para mim e eu como não estava nem aí pra vida ficava só sorrindo da cara dela, não estava nem aí para nada mesmo. Aí ela me bateu, falou que não era para eu estar fazendo isso, que eu estava dando muito trabalho para ela".

A propósito disso, Cruz *et al.* (2021) afirmam que o contato com essas drogas é visível que as vítimas ficam expostas a situação de rua

pelo próprio abuso sexual, visto que crianças e adolescentes podem sair de casa para afastar-se dessa situação ou por serem expulsas, devido conflitos familiares. A forma como o grupo familiar lida com os comportamentos da vítima pode fomentar maiores comprometimentos na saúde do adolescente, visto o mesmo pode sentir-se mais incompreendido e gerar sentimento de revolta e desesperança.

Outra questão importante a ser destacada é o estado de vulnerabilidade a qual a pessoa fica passível de sofrer outras formas de abuso ou violência, ao se encontrar sob efeito de substâncias psicoativas, inclusive no ambiente escolar, pode levar ao absentismo, evasão escolar e outros problemas, como pode ser conferido no depoimento a seguir:

"Eu bebia na escola, na casa de uma tia. Agora o cigarro foi mais na escola mesmo que eu consumia lá".

"Na escola perceberam. Teve uma menina na escola que eu andava às vezes que chegou e perguntava se eu não achava que estava exagerando e eu dizia que não, que só estava curtindo, que era adolescente e que a vida é um sopro e, que a gente tem é que curtir mesmo. Chegou ao ponto de eu chegar bêbada na escola e ela ficou meio assim. Só que no mesmo dia eu resolvi ir embora porque do jeito que eu estava não tinha condição de ficar na escola assistindo aula".

A escola que deve ser um local acolhedor e de aprendizagem torna-se um ambiente estressor para a vítima, isso porque as angústias do abusado as acompanham e comprometem seu aprendizado estudantil, tanto por motivos psíquicos quanto por comportamentos como consumo de substância, uma vez que longe de casa estão sem muita vigilância, favorecendo, assim, espaço ideal para utilizar psicoativos de maneira velada (SILVA *et al.*, 2020).

O álcool merece destaque, pois trata-se de uma droga lícita que independente da classe social, é uma das substâncias psicoativas mais consumidas pelos jovens e de consumo precoce, isso acontece pela fácil aquisição do produto. Esse consumo traz consigo consequências graves, como comportamento impulsivo, acidentes de trânsito e prejuízo académico (NETO & PELIZZARI, 2021).

CONCLUSÃO

O impacto que o abuso sexual gera na vida da vítima, especialmente quando criança e adolescentes , é evidente e os prejuízos decorrentes acontecem a curto e/ou a longo prazo. Nota-se , no caso em questão, houve relação próxima entre violência sexual e o consumo de drogas lícitas e ilícitas, isso porque a vítima demonstrou necessidade de recorrer ao uso de substâncias para suprir o sofrimento gerado pelo trauma vivido.

Combater a violência sexual deve ser um esforço coletivo, de todas as áreas, saúde , educação, justiça, segurança, assim como , de toda comunidade científica e as esferas políticas devem voltar suas atenções para a problemática em pauta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, J. *et al.* Characteristics of child physical and sexual abuse as predictors of psychopathology, Child Abuse & Neglect, v. 86, p. 167, 2018. DOI: 10.1016/j.chiabu.2018.09.019.

CRUZ, M.A. *et al.* Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, p. 1369, 2021. DOI: 10.1590/1413-81232021264.02862019.

FLORENTINO, B.R.B. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, p. 139, 2015. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/805.

FONTES, L.F.C. *et al.* Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. Ciência & Saúde Coletiva [online], v. 22, n. 9, p. 2919, 2017. DOI: /10.1590/1413-81232017229.11042017.

HINO, P. *et al.* Interfaces das dimensões de vulnerabilidade na violência contra crianças. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 72, p. 343, 2019. DOI:10.1590/0034-7167-2018-0463.

MALTA, D.C. *et al.* Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 21, supl. 1, p. e180004, 2018. DOI: 10.1590/1980-549720180004.supl.1.

MARQUES, D.O. *et al.* Violência contra crianças e adolescentes: atuação da enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE on line, v. 15, n. 1, p. 1, 2021. DOI: 10.5205/1981-8963.2021.246168

NETO, N.G.T.N. & PELIZZARI, J.V. Análise da relação entre o abuso de álcool e comportamento suicida em jovens atendidos pelo caps ad de Cascavel/PR. FAG Journal of Health (FJH), v. 3, n. 1, p. 44, 2021. DOI: 10.35984/fjh.v3i1.300.

PAIXÃO, É.S. & NETO, J.C.S. O abuso sexual de crianças e adolescentes: considerações sobre o fenômeno. Territorium, n. 27 (I), p. 97, 2020. DOI: 10.14195/1647- 7723_27-1_8.

SANTOS, M.J. *et al.* Caracterização da violência sexual contra crianças e adolescentes na escola - Brasil, 2010-2014. Epidemiologia e Serviços de Saúde [online], v. 27, n. 2, p. e2017059, 2018. DOI:10.5123/S1679-49742018000200010.

SENA, C.A. *et al.* Incidência de violência sexual em crianças e adolescentes em Recife/Pernambuco no biênio 2012-2013. Ciência & Saúde Coletiva [online], v. 23, n. 5, p. 1591, 2018. DOI: 10.1590/1413-81232018235.18662016.

SILVA, F.C. *et al.* Os impactos da violência sexual vivida na infância e adolescência em universitários. Revista de Saúde Pública, v. 54, 2020. DOI: 10.11606/s1518-8787.2020054002576.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman; 2015.